

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Extrativismo 135

Data: 29/08/92 Pg.: 3-4

### MEIO AMBIENTE

## ONU e seringueiros: parceria

WERNER E. ZULAUF

Já registrei nesta coluna o papel do seringueiro como guardião da biodiversidade, na medida que, pelos embates liderados por Chico Mendes, foram se criando mecanismos de organização social, que brearam o avanço inconsequente das fazendas de gado no Acre. Hoje, tal movimento já tem sua vertente institucional: as reservas extrativistas.

Volto ao tema, depois de dez dias de convivência no meio da densa floresta amazônica com os seringueiros e suas duras condições de sobrevivência. Além de Xapuri, visitei Tarauacá, Cruzeiro do

Sul, Taumaturgo e Boca do Tejo, no alto Juruá, próximo à fronteira com o Peru. Viajei de monomotor, barco e a pé. Convivi com a vasta diversidade de insetos e dormi em rede, sentindo o intenso frio das madrugadas do Acre.

Algumas constatações: o seringueiro é mais pobre e desprovido de bens de conforto e consumo da sociedade moderna do que se possa imaginar; nomes como Raimundo e Frota assinalam sua origem nordestina, principalmente cearense, origem ainda sabida por parte desses, hoje, povos de florestas; nem o setor da borracha e

nem o governo jamais investiram em extensão rural, visando ganhos de produtividade para o extrativismo; nunca se procurou fomentar o adensamento de seringais em clareiras da própria floresta, procurando aumentar a produção de látex. As cooperativas, as associações, os sindicatos e o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) são hoje organizações ativas que podem servir de veículos de difusão e irradiação de apoio que a humanidade tem obrigação de promover.

Há tudo por fazer: tecnologia para produção de borracha de

melhor qualidade; adensamento de seringais; diversificação do extrativismo; verticalização da produção na base de cadeia produtiva da borracha (instalação de usinas nas cooperativas); assistência médica e odontológica; escolas; energia solar fotovoltaica; saneamento; radiocomunicação; campi avançados de universidades para pesquisa científica no âmbito da biotecnologia.

A humanidade, que tanto se angustia com a perspectiva da ampla derrubada e calcinação da grande floresta, não tem porquê ficar como observadora estática do processo. Há que se mobilizar

para fazer chegar ao seringueiro o que não será nada além de migalhas da fartura do primeiro mundo. Migalhas preciosas que farão tanto ou mais pela biodiversidade do que a convenção, mesmo depois que esta ostentar a assinatura célebre que ainda lhe falta.

De nada adiantarão os tratados, se a ONU não tomar consciência — e atitudes correspondentes — de que ela tem uma parceria indissociável com a longínqua e humilde figura do seringueiro.

**WERNER E. ZULAUF**, 55, engenheiro civil sanitário, foi diretor e presidente de Recursos Naturais Renováveis do Ibama (governo Collor) e presidente da Cetesb-SP (governo Montoro).